

SEMANA DO ÍNDIO
SALVADOR 16-20 DE ABRIL
COORDENAÇÃO CONVÊNIO FVNAI-UFBA

Os grupos indígenas da Bahia

Convencionou-se distribuir os grupos indígenas da Bahia em três áreas geográficas que guardam internamente certa unidade sócio-cultural e ecológica --- 1. Nordeste (Kariri e Kaimbé) 2. S. Francisco (Pankararé e Tuxá) e 3. Sul da Bahia (Pataxó e Pataxó ~~Hãhã~~ Hãhã). As duas primeiras foram atingidas historicamente por frentes de penetração pastoril enquanto a última por frente agrícola que, como as primeiras, disputavam ao índio a posse da terra necessária aos seus interesses econômicos. Os resultados do contato interétnico podem de forma geral ser considerados os mesmos --- a fragmentação dos valores tribais e a emergência de novos, aproximados ou largamente equivalentes ao modelo "civilizado" --- enquanto as formas de resistência da etnia indígena centralizam-se em níveis diversos, apoiadas porém na terra como o fator garantidor de sua sobrevivência, como grupo.

Os Kariri distribuem-se em torno de Mirandela, segundo distrito do município de Ribeira do Pombal e área de caatinga. Enquanto os "nacionais" ou "portugueses" localizam-se exclusivamente na sede do distrito, aqueles espalham-se à sua volta, atestando a grande separação existente.

A sua economia organiza-se em termos de uma agricultura de subsistência, secundariamente voltada para o mercado. Dependendo em larga medida a satisfação das necessidades internas do seu grupo doméstico do seu emprego como força-de-trabalho, sofre por parte dos "nacionais" todo tipo de restrição (salários inferiores e recusa de utilização, por exemplo), aceitas por falta de outras alternativas, não obstante provoquem o estabelecimento de uma relação de dominação-- subordinação do "nacional" sobre o "caboclo", difícil de ser alterada.

O avanço dos "portugueses", combinado com as dificuldades do ambiente físico, tem provocado a emergência crescente de um sistema, indicador de uma quebra no vínculo terra --- camponês-proprietário independente. A adoção de "meia" como modalidade mais utilizada de emprego da sua força-de-trabalho, atesta a impossibilidade de explorar independentemente a sua terra, fornecendo ter-
de salarizado

ra e trabalho ap "português", em troca do pagamento pela limpa da terra e do re-
cebimento de sementes. É com o dinheiro ganho na limpa que adquire as sementes
a serem empregadas na terra não reservada à meia .

Os Kaimbé, localizados num ambiente físico semelhante àquele dos
Kariri, apresentam uma situação basicamente igual --- agricultores de subsistên-
cia e artesões em tempo parcial que sobrevivem em grande parte vendendo a sua
força-de-trabalho aos nacionais da região.

Os Pankararé, habitando a localidade denominada Brejo do Burgo ,
no município de Glória, próximo a Paulo Afonso, dedicam-se ao cultivo de peque-
nas roças de subsistência, tendo a caça e a coleta como atividades completament
tares. As terras por eles ocupadas não são legalizadas --- trata-se de terras
devolutas de propriedade do Estado, caracterizando dessa forma a sua situação
de posseiros, ocupantes de terras menos férteis, uma vez que os brancos (tam-
bém posseiros) detém o controle das mais férteis. As relações entre brancos e
índios até pouco tempo marcadas por forte discriminação e disputas relacionadas
com a terra, envolvendo até mesmo proibições quanto à prática do Toré --- ritua-
al com, grande motivação ideológica, afirmador da auto-identificação étnica ---
parecem encaminhar-se para o desacirramento das tensões.

Os Tuxá de Rodelas, um grupo composto de cerca de 463 indiví -
duos, tematé então na exiguidade espacial da Reserva um dos seus mais graves
problemas. A sua economia baseia-se na agricultura, complementada com a caça ,
pesca e coleta de produtos silvestres. A insuficiência de terra tem provocado
o surgimento de uma mão-de-obra excedente, forçada a procurar trabalho externo,
como diarista. A produção de cebola, responsável pela transformação do Tuxá num
cultivador quase autônomo, permitindo-lhe a aquisição de produtos não-agrícolas,
funciona como o bem agrícola de maior importância no mercado, dele dependendo a
maior demanda de trabalho assalariado.

Atualmente, defronta-se esse grupo com a ameaça de ter que se
deslocar para outra área, ainda não definida, face a inundação das ilhas que o
cupa, o que ocorrerá com a construção da Barragem de Itaparica.

Os Pataxó Hãhãhã, dispersos pelo sul da Bahia --- Itaju do Co-
lônia, Itamaraju, Eunápolis e Itabuna --- têm sido vítimas da exploração siste-

mática de suas terras. Consideradas como das mais férteis do Estado, possibilitando uma economia de base agrícola (cacau), extrativa (madeira, dendê e piaçava) e pastoril, encontram-se ainda em poder dos fazendeiros vizinhos, por força de uma política de arrendamento que remonta ao SPI. A sua situação como grupo pode ser considerada como das mais críticas da Área Nordeste (XI, cf. Galvão, Áreas Culturais Indígenas), impedidos que se encontram de trabalhar as suas terras e de reorganizarem o seu sistema sócio-econômico. A demarcação administrativa da área da Reserva, já publicada em edital pela FUNAI, constitui a sua maior expectativa no presente momento, dela dependendo o não extermínio completo da sua população.

Finalmente, os Pataxó de Barra Velha (localizados no Parque Nacional do Monte Pascoal, nos limites do município de Porto Seguro) constituem uma população composta de agricultores em sua grande maioria, bem como de pescadores, coletores, artesãos, vendedores e tipos mistos. As necessidades de produção e consumo tendem a se manter nos limites internos, o assalariamento sendo encarado como alternativa última, na medida do possível substituído pela comercialização do artesanato, garantidor das necessidades de produtos manufaturados e outros objetos não produzidos pelo grupo. A não demarcação da Reserva pode ser vista como ^{causa} consequência da insegurança emocional do grupo, ainda hoje em fase de reorganização após a ocorrência de certos acontecimentos traumáticos e responsáveis pela dispersão de muitos dos seus componentes que resistem a retornar a Aldeia enquanto persistir a indefinição quanto ao direito de uso e posse da terra pelo grupo étnico.

Conclusivamente, a situação desses grupos indígenas da Bahia, ilustrativa de outros grupos aculturados, caso-limite do "continuum de integração" em que não assimilados pela sociedade nacional, nela não conseguiram se integrar simetricamente, mantendo, como única forma de sobrevivência como grupo étnico, a sua auto-identificação como índios, resistindo a todas as pressões da sociedade envol

vente, crescentemente em busca de novos espaços econômicos, pode constituir um exemplo de intolerância à heterogeneidade cultural, manifesta no afastamento cada vez mais crescente entre as duas etnias em contato e em medida que sob a justificação de atenderem as necessidades expansionistas do sistema econômico dominante, repercutem negativamente sobre as minorias indígenas, seja sob a forma de compulsões bióticas e ecológicas, seja sob a forma de coerções sócio-econômicas e ideológicas que destroem o pouco que restou dos seus originais sistemas sócio-culturais, proletarizando-os e acirrando as competições interétnicas.